



Juliana dos Santos Martins

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO PRÁTICA
EDUCATIVA NO ENSINO FUNDAMENTAL
(ANOS INICIAIS)**

Brasília

2018



Juliana dos Santos Martins

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO PRÁTICA
EDUCATIVA NO ENSINO FUNDAMENTAL
(ANOS INICIAIS)**

Trabalho Final de Curso
apresentado à Faculdade de
Educação da Universidade de
Brasília como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em
Pedagogia, sob a orientação da
Professora Dra. Maria Fernanda
Farah Cavaton.

Brasília

2018

Monografia de autoria de Juliana dos Santos Martins, intitulada “A Contação de História como Prática Educativa no Ensino Fundamental (Anos Iniciais), apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia da Universidade de Brasília, em 11/09/2018, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinalada:

Professora Dra. Maria Fernanda Farah Cavaton – Orientadora
Faculdade de Educação, Universidade Brasília

Professor Dr. Lúcio França Teles – Examinador
Faculdade de Educação, Universidade Brasília

Professora Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues – Examinadora
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Brasília
2018

Dedico este trabalho ao meu filho
Rodrigo, luz da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, fonte de fé, por me dar coragem para superar os percalços da vida e esperança para seguir em frente.

Agradeço a minha família: irmãos, sobrinhos, cunhados (as) pelo amor e incentivo, em especial aos meus pais Mário e Beatriz.

Aos professores da Faculdade de Educação, em especial à minha orientadora Professora Maria Fernanda Farah Cavaton, na qual tenho uma imensa admiração. Pela boa vontade, compreensão, competência e dedicação que teve para que esse trabalho fosse realizado.

Ao meu esposo Alisson, pelo encorajamento e por acreditar no meu potencial, estando ao meu lado em todos os momentos.

À minha sogra, por estar sempre pronta a ajudar-me.

Aos colegas e amigos pelo companheirismo e por dividirem comigo suas experiências e saberes, contribuindo para o meu aprendizado.

Agradeço a todos que de alguma forma me ajudaram nessa caminhada e que fizeram parte dessa vitória!

*Eu fico com a pureza das respostas das crianças:
É a vida! É bonita e é bonita!
Viver e não ter a vergonha de ser feliz,
Cantar, e cantar, e cantar,
A beleza de ser um eterno aprendiz.
Ah, meu Deus! Eu sei
Que a vida devia ser bem melhor e será,
Mas isso não impede que eu repita:
É bonita, é bonita e é bonita!*

Gonzaguinha

RESUMO

Temos como objetivo, neste trabalho, analisar a prática da contação de história no Ensino Fundamental (Anos Iniciais). Consideramos também necessário mencionar a importância da contação de história para a criança através da literatura. Procuramos entender como a escola/professor incorporam essa prática e quais recursos são utilizados nas atividades. Foi realizado um trabalho de observação em uma escola pública do Distrito Federal. A pesquisa foi organizada em dois momentos: o primeiro de observação da atividade coletiva (Contação de História) e o segundo das atividades realizadas pela professora do 1º ano em sala de aula. Assim, buscamos o aporte teórico dos seguintes autores: Abramovich (1997), Bettelheim (2009), Vigotski (1998), dentre outros.

Espera-se que a discussão deste tema contribua de maneira positiva para todos envolvidos no processo educativo que sentem necessidade de mudança e sabem da importância do seu trabalho na vida de uma criança.

Palavras-chave: Contação de História. Criança. Imaginário.

SUMÁRIO

I PARTE - MEMORIAL	10
II PARTE. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO PRÁTICA EDUCATIVA NO ENSINO FUNDAMENTAL (ANOS INICIAIS).....	13
CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 2. A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA	16
2.1 O imaginário.....	18
2.2 O Currículo em Movimento da Educação Básica do Distrito Federal.....	19
2.3 A contação de história como prática na escola.....	20
CAPÍTULO 3. TRILHA METODOLÓGICA	23
3.1 Contexto da pesquisa	23
3.1.1 Projeto Político Pedagógico.....	24
3.1.2 A rotina da escola pesquisada.....	24
3.1.3 Projeto Momento da Leitura	25
3.2 Participantes	26
3.2.1 As professoras.....	26
3.2.2 Os alunos.....	27
3.3 Instrumentos e materiais de pesquisa	28
3.4 Procedimentos de construção de dados	28
3.4.1 Sessão 1.....	28
3.4.2 Sessão 2.....	29
3.4.3 Sessão 3.....	31
3.4.4 Sessão 4	31
CAPÍTULO 4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	33
4.1 Sessão 1	33
4.2 Sessão 2	35
4.3 Sessão 3	37
4.4 Sessão 4	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	42
III PARTE - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS E FUTURAS	44

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - O momento da Contação da História	34
Imagem 2 – Atividade (Painel)	34
Imagem 3 - O Momento da Contação da História	35
Imagem 4 - Atividade (Apresentação)	36
Imagem 5 - Atividade (Painel)	36
Imagem 6 - A Escolha dos Livros.....	37
Imagem 7 - A Escolha dos Livros.....	38
Imagem 8 - Atividades (Painel e Exposição dos Mini Livros)	38
Imagem 9 - Atividades (Painel e Exposição dos Mini Livros)	38
Imagem 10 - Atividade (Cartaz).....	40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PPP	Projeto Político Pedagógico
SEDF	Secretaria de Educação do Distrito Federal
UnB	Universidade de Brasília
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

PARTE I

MEMORIAL

Quando criança, sempre brincava de pular corda, pique-esconde e amarelinha na rua com os amigos. Mas minha brincadeira preferida era a de faz de conta, onde eu fazia da sala de casa o cenário da sala de aula inventada na brincadeira. Meus amigos eram os alunos e eu fazia o papel da professora da “escolinha”.

Despertei interesse em aprender a ler e a escrever um pouco antes de entrar no primeiro ano do Ensino Fundamental. Queria muito saber o que estava escrito nas revistas, nos jornais, no caderno de receitas da minha mãe e nos livros que ficavam guardados na estante da sala. Quase todo dia eu os tirava da estante e ficava horas e horas folheando e admirando as gravuras. Foi então que meus pais perceberam meu interesse e iniciaram minha alfabetização em casa da forma mais natural possível.

Lembro que as primeiras letras que meu pai me ensinou foram as letras do meu nome. Depois que aprendi, escrevia meu nome em todo lugar, até nas paredes de casa. Ninguém me segurava mais! Depois, queria aprender como se escrevia o nome das coisas. Estava apaixonada pelas letras e palavras, todo aquele universo me fascinava!

Quando ingressei no primeiro ano do Ensino Fundamental já conhecia todo o alfabeto, com a ajuda dos meus pais eu conseguia ler e escrever algumas palavras com certa facilidade. Meus pais foram muito presentes na escola, sempre quando solicitados iam às reuniões, verificavam os cadernos, acompanhavam as notas dos boletins e, constantemente, ajudavam nas tarefas de casa. O desejo deles sempre foi claro: ver os filhos formados. Infelizmente, meus pais não concluíram os estudos devido à falta de oportunidade, porém sempre nos incentivaram a estudar e a nunca desistir dos nossos sonhos.

Toda minha trajetória escolar foi realizada em escola pública, dediquei-me e acabei me sobressaindo por ser boa aluna. Frequentemente, os professores me colocavam junto com colegas que tinham alguma dificuldade de aprendizado para ajudá-los nas diversas atividades.

Durante o Ensino Médio, tive um pouco de dificuldade em Matemática pela falta de docentes na escola onde estudava. Devido a esse problema, tirei notas baixas nas provas e acabei ficando pela primeira vez em recuperação. Fiquei bem decepcionada na época, porque nunca havia tirado notas baixas e fiquei com muito medo de reprovar nessa matéria.

Em compensação, tive bons professores de Literatura e Língua Portuguesa, que me cativaram com a poesia, a gramática e a escrita, me despertando o interesse em ser professora. Lembro-me que essas aulas no Ensino Médio eram sempre interessantes, vez ou outra tínhamos que encenar peças de teatro com os diálogos das personagens dos livros de literatura, também escrevíamos cartas para os colegas da sala. Além disso, fizemos uma mini biblioteca em sala de aula, onde líamos os livros de literatura e depois trocávamos com os colegas, entre outras atividades interessantes.

Outro motivo, e um dos mais fortes, está relacionado com a minha irmã. Enquanto eu estava no Ensino Médio, ela cursava o último ano do curso de Pedagogia e foi, com certeza, uma grande incentivadora em minha escolha quando prestei o vestibular na UnB.

Quando saiu o resultado do vestibular, não acreditei ao saber que tinha sido aprovada, eu achava que não tinha chance alguma de passar, pensava que só quem fazia aqueles cursinhos caros de pré-vestibular era quem passava, porque eu tinha amigos que passavam, mas os pais tinham condições de pagar escola e cursinho caros. Meus pais não tinham condições de me manter em uma escola particular, muito menos pagar cursinhos. Estudei na pública mesmo! Já tinha conseguido um emprego pra pagar uma faculdade particular, ia trabalhar durante o dia e estudar à noite. Mas fiz o vestibular da UnB mesmo assim, fiz por desencargo de consciência, porque tinha certeza que não passaria. Mas o destino se encarregou de fazer totalmente ao contrário! E meu nome saiu na lista dos aprovados da 1ª chamada. Nossa, quanta felicidade! Lembro que meu choro foi um misto de felicidade e alívio. A partir daquele momento, estava pronta para iniciar o curso que havia escolhido, a Pedagogia.

Iniciei a graduação muito animada, tive matérias importantes, professores dedicados e competentes, que só me fizeram acreditar mais e

mais na Educação. Por esse motivo, me espelhando neles, pretendo atuar no ambiente educacional.

Todas as matérias no curso foram essenciais para o meu aprendizado, porém algumas foram especiais. As disciplinas “Fundamentos da Arte na Educação”, “Formas de Expressão da criança de 0 a 6 anos”, e “Oficina do professor-leitor/escritor” foram as que mais me marcaram porque todos os temas eram todos do meu interesse.

Fiz o Projeto 4 Fase 2 (estágio obrigatório) em uma escola pública e integral situada em Brasília-DF. Chegando lá, para minha surpresa, descobri que a escola desenvolvia um Projeto de Leitura (Contação de Histórias) que envolviam todos os alunos da escola. Não tive dúvidas que esse projeto seria o assunto a ser abordado no meu Trabalho Final de Curso (TCC), pois a literatura sempre esteve presente em minha vida, desde criança, e também porque estudar esse assunto é, de fato, importante na esfera educacional.

No decorrer do curso e através da experiência do estágio, pude perceber um amadurecimento como estudante e também como pessoa. Aproximadamente na metade do curso, me tornei mãe e precisei trancar o curso por um semestre, o que me deixou um pouco desanimada porque era inviável levar meu filho recém-nascido todos os dias da semana para a universidade comigo. Mas por outro lado, pude me dedicar exclusivamente à maternidade e ficar juntinho com meu bebê que acabara de nascer. Ao ser mãe, pude ver minhas vivências conversarem com as teorias estudadas na universidade, isso foi valioso para mim. Hoje, sinto que a graduação mudou minha maneira de ver a vida, me sinto mais esperançosa. Mesmo que embora haja dificuldades, nunca devemos desistir frente a um empecilho, precisamos acreditar na mudança e nos empenhar em busca de um ensino melhor.

PARTE II
A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO PRÁTICA
EDUCATIVA NO ENSINO FUNDAMENTAL
(ANOS INICIAIS)

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

Antes, o ato de contar história nas escolas era visto somente como um modo de entretenimento e um momento de lazer. Hoje, esse costume do passado mudou, deixando de ser considerada somente como uma distração na vida da criança.

Mesmo com todas as contribuições que a prática oferece para o desenvolvimento da criança, ainda não é muito comum a prática ser inserida no cotidiano dos alunos do Ensino Fundamental. Algumas escolas ainda não fazem um trabalho diferente com a leitura, porque a contação de história se distancia dos métodos de avaliações tradicionais.

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender a importância da prática da contação de história no Ensino Fundamental. Consideramos também os objetivos específicos, que são:

- Entender a relação do imaginário com a contação de história.
- Analisar a prática da contação de história em sala de aula.

Este trabalho está organizado em três partes. A primeira parte, referente ao memorial, é um breve relato sobre minha trajetória escolar e acadêmica, evidenciando o que me levou a escolha do curso de Pedagogia e a escolha do tema deste trabalho.

A segunda parte, a monografia, intitulada “A contação de história como prática educativa no Ensino Fundamental (Anos Iniciais)”, se divide em cinco capítulos. No capítulo 1 apresentamos o nosso tema e a definição dos objetivos. No capítulo 2, desenvolvemos a base teórica: A importância da contação de história; O imaginário; O Currículo em Movimento da Educação Básica do Distrito Federal e A contação de história como prática em sala de aula. No capítulo 3, trazemos a trilha metodológica, em uma abordagem de pesquisa qualitativa. Apresentamos os participantes, os instrumentos e materiais da pesquisa e os procedimentos de construção e análise de dados.

Nos capítulos 4 e 5, apresentamos e discutimos os dados, e concluimos o trabalho.

Na terceira parte exponho minhas intenções e planos profissionais futuros.

CAPÍTULO 2

A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

A arte de contar história surgiu há muito tempo com nossos antepassados, e permanece presente até os dias de hoje.

Os povos, nos velhos tempos, se reuniam ao redor da fogueira para se proteger do frio e contar os mais diversos acontecimentos. Dessa forma eram transmitidas as histórias, as crenças, os costumes e os conhecimentos que passaram de geração em geração.

Ouvimos histórias desde quando pequenos. A criança, na maior parte do tempo, tem um contato maior com a família, é através dos pais e dos avós que ouvimos as primeiras histórias e narrativas.

Desse modo, Cavalcante (2004, p. 67) diz que:

A importância da família na formação do leitor é imensa, visto que os primeiros anos da infância são marcados pelas relações desenvolvidas entre os pequenos e os grandes, pertencentes ao mesmo grupo de parentesco. É na família que se vai adquirir os primeiros hábitos, os valores e os gostos.

No ambiente familiar, contar história para uma criança, significa estreitar os laços (da criança e seu cuidador), proporcionando um momento de diversão e lazer. Assim, o livro nos é apresentado pela primeira vez junto com o ato de contar histórias.

O contato da criança com o livro deve ser incentivado antes mesmo dela aprender a ler, levando a criança descobrir o gosto e o prazer pela leitura. Carvalho (2010, p.15) menciona:

Ler, ver, ouvir, tocar o livro com todos os sentidos, entrar nele para vislumbrar encantos e novidades, fazer surpresas, imaginar irrealidade e viver, emoções reais. Esse caminho é aberto ao novo, às camadas profundas irracionais, que apreendem, fazem inferências e intuições e guardam imagens, sensações e sentimentos.

Mesmo se a criança não saiba ler e escrever, não quer dizer ela que possa aprender, a questionar e interagir. De acordo com Ostetto (2008, p.99):

(...) a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança (...) não aprendeu a ler escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é de certa forma, letrada

O ato de contar história não serve somente como uma atividade lúdica, como muitos pensam. Contar histórias permite com que a criança seja capaz de ampliar sua imaginação, além de socializar, educar e informar.

Segundo Coelho (1987, p. 02), a literatura infantil, tem o propósito de ser um “agente de transformação”, ou seja, existe uma relação mútua entre o leitor e narrador, sendo o livro agente responsável por essa “formação da consciência-de-mundo das crianças e jovens”.

É através das histórias que a criança percebe diferentes emoções, como por exemplo: a alegria, a tristeza, a surpresa, a frustração entre outras. Dessa maneira, a criança passa a lidar e encarar do seu modo esses sentimentos. De acordo com Bettelheim (2009):

A vida é com frequência desconcertante para a criança, ela necessita mais ainda que lhe seja dada a oportunidade de entender a si própria nesse mundo complexo com o qual deve aprender a lidar. Para que possa fazê-lo, precisa que a ajudem a dar um sentido coerente ao seu turbilhão de sentimentos. Necessita de ideias sobre como colocar ordem na sua casa interior, e com base nisso poder criar ordem na sua vida. (BETTELHEIM, 2009, p.13)

O ambiente escolar é um espaço no qual permite a criança uma interação social. A escola cria oportunidades para que as crianças se relacionem umas com as outras, permitindo, assim, a troca de experiências.

Desse modo, o(a) professor(a), ao contar história aos seus alunos, conduz no caminho para que eles construam seu próprio conhecimento. Freire (1996 p. 52) expõe que: “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mais criar as possibilidades para a sua própria produção ou construção”.

2.1 O imaginário

Já se sabe que ouvir e contar história são aspectos muito importantes na formação de qualquer criança. Ainda assim, pode-se dizer que a contação de história é um mundo cheio de imaginação e fantasia. Ouvir histórias permite a criança viajar por ambientes desconhecidos sem que saia do lugar, proporcionando diversas sensações e emoções. De acordo com Abramovich (1997, p. 17):

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve - com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!

Além de proporcionar diversas sensações e emoções, ouvir histórias permite também suscitar o imaginário infantil, Faria (2009, p. 29) diz que:

Ao pequeno leitor, por meio de sua imaginação, cabe construir mentalmente essa trajetória das duas personagens, fazendo a ligação entre uma cena e outra, por meio das indicações do texto escrito e da ilustração, imaginando o que elas conversam.

É pela imaginação que a criança pode fantasiar, ser um super-herói, um vilão, ser uma princesa, ter um novo amigo ou ser um personagem de filme ou desenho animado. É através da imaginação que conseguimos viajar permitindo novas experiências e criando novas ideias. A contação pode transformar uma história que o indivíduo não vivenciou em algo real e verdadeiro. Segundo Vigotski (2009, p.14):

No cotidiano, designa-se como imaginação ou fantasia tudo o que não é real, que não corresponde à realidade e, portanto, não pode ter nenhum significado prático sério. Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível à criação artística, a científica e a técnica. Nesse sentido, necessariamente, tudo o que nos cerca foi feito pela mão do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia.

É muito interessante e curioso observar as crianças no mundo do “faz de conta”, elas criam cenas fazendo utilizando personagens e situações do seu cotidiano, quando ela é a mamãe e papai, a professora e aluna, o médico e paciente, o bandido e ladrão, entre outros. Sendo assim, podemos dizer o quanto é importante a contação de história na vida de uma criança. Convidá-la a ouvir uma história é oferecer para ela o mundo de oportunidades, permitindo-a sempre sonhar.

2.2 O Currículo em Movimento da Educação Básica do Distrito Federal

Para entender melhor como deve ser o trabalho da escola, e saber quais são as estratégias e seus objetivos buscamos o esclarecimento no Currículo em Movimento da Educação Básica Ensino Fundamental (Anos Iniciais).

O Currículo em Movimento para Educação Básica Ensino Fundamental (Anos Iniciais), diz que o trabalho pedagógico da escola deve-se utilizar de estratégias didático-pedagógicas sendo desafiadora e provocadora levando em consideração a construção dos estudantes, suas hipóteses e estratégias na resolução de problemas apresentados.

Conselho de Classe participativo, análise das aprendizagens para reorganização da prática docente, formação continuada na escola, coordenação pedagógica como espaço e tempo de trabalho coletivo, entre outros, constituem-se como aspectos fundamentais para essa construção. O ambiente educativo rico em recursos, materiais didáticos atrativos e diversificados, e situações problematizadoras que contemplem todas as áreas de conhecimento, disponibilizados aos estudantes, promove a reconstrução das aprendizagens por meio da ação investigativa e criadora. (DISTRITO FEDERAL 2013, p.9).

Segundo o Currículo, objetivos do Ensino Fundamental seguem pautados nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica e ressignificados pelas Diretrizes Pedagógicas desta Secretaria de Educação, que são:

- Possibilitar as aprendizagens, a partir da democratização de saberes, em uma perspectiva de inclusão considerando os eixos transversais: Educação

para a Diversidade, Cidadania e Educação em e para os Direitos Humanos e Educação para a Sustentabilidade;

- Promover as aprendizagens tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, a escrita e do cálculo e a formação de atitudes e valores, permitindo vivências de diversos letramentos;
- Oportunizar a compreensão do ambiente natural e social, dos processos histórico-geográficos, da diversidade étnico-cultural, do sistema político, da economia, da tecnologia, das artes e da cultura, dos direitos humanos, e de princípios em que se fundamentam a sociedade brasileira, latino-americana e mundial;
- Fortalecer vínculos da escola com a família, no sentido de proporcionar diálogos éticos e corresponsabilização de papéis distintos, com vistas à garantia de acesso, permanência e formação integral dos estudantes;
- Compreender o estudante como sujeito central do processo de ensino, capaz de atitudes éticas, críticas e reflexivas, comprometido com suas aprendizagens, na perspectiva do protagonismo infanto-juvenil. (DISTRITO FEDERAL 2013, p. 9)

O currículo diz ainda que:

a organização curricular deve proporcionar discussão e reflexão da prática pedagógica para além da sala de aula, ampliando-a a toda unidade escolar e sua comunidade, como exercício de planejamento coletivo e de ação concretizadora da proposta pedagógica; uma educação para além da escola, que busque ensinar na perspectiva de instigar, provocar, seduzir o outro para o desejo de aprender, por meio de relações que possam ser estabelecidas entre conteúdos e a realidade dos estudantes. (DISTRITO FEDERAL 2013, p.11)

2.3 A contação de história como prática em sala de aula

De fato, é importante que o trabalho com a literatura esteja ligado às práticas do dia-a-dia em sala de aula.

Ziberman (2003, p. 25) destaca que “a literatura deve se integrar ao projeto desafiador próprio de todo fenômeno artístico, impulsionar ao seu leitor uma postura crítica, inquiridora, e dar margem à efetivação dos propósitos da leitura como habilidade humana”.

Para que a prática da contação de história seja feita de maneira lúdica e que contribua para a construção do conhecimento, o(a) professor(a) necessita planejar o momento da contação de história. Tudo o que será narrado para a criança, deve-se conhecer antecipadamente para que o momento não ocorra de qualquer jeito e não perca o que tem de bom no momento da contação da história. Abramovich (1997, p. 18-29) explicita:

[...] para a criança, não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se vê na estante... E aí, no decorrer da leitura, demonstrar que não está familiarizado com uma ou outra palavra (ou com várias), empacar ao pronunciar o nome dum determinado personagem ou lugar, mostrar que não percebeu o jeito que o autor construiu suas frases e dando as pausas nos lugares errados, [...] Por isso, ler o livro antes, bem lido, sentir como nos pega, nos emociona ou nos irrita... Assim quando chegar o momento de narrar a história, que se passe emoção verdadeira, aquela que vem lá de dentro, lá do fundinho, e que por isso, chega no ouvinte... (ABRAMOVICH, 1997, p. 18-20)

Ao contrário, se não houver planejamento e objetivos à alcançar a contação perde todo o seu sentido e não passa de uma história ouvida como tantas outras. Para Dohme (2010, p.25):

Temos de pesquisar, ler literatura especializada, feita para eles, conhecer seus heróis, assistir aos filmes, conhecer suas brincadeiras preferidas. É só desta forma que saberemos escolher, dentro de um repertório conhecido, qual história se adapta ao comportamento que desejamos ou precisamos abordar.

O (a) professor (a) pode contar com o auxílio de alguns recursos materiais para tornar a prática da contação mais envolvente para os alunos e assim poder alcançar os objetivos esperados. Existem várias formas e métodos de se contar uma história, pode-se fazer o uso de fantoches, fantasias, instrumentos musicais, utilizar material de sucata, entre outros. Segundo Diana Corso e Mario Corso:

Histórias não garantem a felicidade nem o sucesso da vida, mas ajudam. Elas são como exemplo, metáforas que ilustram diferentes modos de pensar e ver a realidade e, quanto mais variadas extraordinárias forem as situações que elas contam,

mais se ampliará a gama de abordagens possíveis para os problemas que nos afligem. Um grande acervo de narrativas é como uma boa caixa de ferramentas, na qual sempre temos o instrumento certo para a operação necessária, pois determinados concertos ou instalações só poderão ser realizados se tivermos a broca, o alicate ou a chave de fenda adequados.. Além disso com essas ferramentas podemos também criar, construir e transformar os objetos e os lugares.(CORSO; CORSO, 2006, p. 303).

CAPÍTULO 3

TRILHA METODOLÓGICA

Nossa pesquisa tem uma abordagem qualitativa, utilizamos a observação para obter dados e descrever as atividades que envolviam o projeto “Momento da Leitura” no contexto coletivo da escola e na turma do 1º ano do Ensino Fundamental (Anos Iniciais). Segundo Marina Marconi e Eva Lakatos (2011, p.76):

A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou que se deseja estudar.

3.1 Contexto da pesquisa

A pesquisa foi realizada numa escola pública de Ensino Fundamental localizada em uma Região Administrativa do Distrito Federal.

Sua dependência era composta por 20 salas, sendo 10 salas de aula, um laboratório de informática, uma biblioteca, uma sala de recursos/orientação educacional, uma sala dos professores com banheiros, uma sala de direção, uma secretaria, uma sala de coordenação, uma sala dos servidores com banheiros, uma cantina com depósito e uma quadra descoberta. A escola possuía também Internet, coleta seletiva de lixo e saneamento básico em sua infraestrutura.

A escola atendia os alunos em tempo integral de 7h30 às 17h30, e oferecia quatro refeições: café da manhã, lanche intermediário, almoço e lanche da tarde.

A comunidade era diversificada: uma parte dos alunos eram oriundos da comunidade local e o restante de outras regiões administrativas do Distrito Federal.

A faixa etária das crianças era de seis a 10 anos de idade, visto que a escola ofertava do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental e possuía integração

de crianças com necessidades específicas, proporcionando o convívio e a interação entre todas na escola, favorecendo-lhes o desenvolvimento e aprendizagem. A quantidade de alunos por turma era de 15 a 25, aproximadamente.

O planejamento das aulas tinha como referência o Currículo em Movimento da Educação Básica.

3.1.1 Projeto Político Pedagógico

A escola possuía um Projeto Político Pedagógico (PPP), e de acordo com esse documento o trabalho pedagógico propunha o desenvolvimento de uma gestão emancipatória para a educação, cujos princípios estão interligados com a Educação Integral que são: integralidade, transversalidade, territorialidade, intersetorialização, diálogo com a comunidade e trabalho de rede.

O PPP enfatiza ainda que o desejo do referido projeto é que ele possa não somente ser instaurado na escola, mas que ele ultrapasse as paredes e seja refletido na comunidade, em que cada educador e cada servidor o internalize em sua prática pedagógica, profissional e social, para que tenham cidadãos capazes de transformar a sociedade e o meio ambiente.

3.1.2 A Rotina da escola pesquisada

Existia uma rotina que era seguida na escola que iniciava às 7h30 da manhã com a chegada das agentes de portaria. O portão era aberto aos alunos às 7h45 e as aulas se iniciavam às 8h com o sinal de entrada para os alunos, que eram encaminhados à cantina para realizarem a primeira refeição da manhã.

O café da manhã era servido pela janela da cantina e levado para as salas de aula sob a supervisão dos professores. O cardápio era montado pela nutricionista da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF) e seguido pela direção. Ao término, os alunos devolviam os utensílios para a merendeira.

O lanche intermediário ocorria às 10h30. Os alunos recebiam nas salas de aula fruta ou lanche como parte de uma alimentação saudável.

O recreio tinha duração de 20 minutos. Eram realizados dois recreios, um para os alunos do 1º ano das 11h às 11h20, e outro para as demais turmas, das 10h às 10h20. Os alunos recebiam bolas e cordas para que esse momento fosse de interação e transcorresse com mais tranquilidade.

O almoço era servido às crianças a partir das 12h30, começando pela turma do 1º ano. Acompanhados pela professora, os estudantes recebiam o almoço e levavam o prato para a sala onde juntos almoçavam. A professora incentivava os alunos a uma alimentação saudável, dando destaque às hortaliças e frutas. Essa atividade fazia parte de um projeto da escola chamado “Viva mais Leve”. Todos os dias, as crianças eram incentivadas a realizar refeições saudáveis, com saladas variadas produzidas, muitas vezes, com alimentos retirados da horta da escola. Quando algum aluno não se alimentava, a professora informava o responsável na agenda, mas nunca forçava o aluno a comer.

No segundo momento, a professora acompanhava os alunos na escovação enfatizando a importância da higienização bucal e aproveitando para trabalhar o consumo consciente da água, evitando desperdício. Também nesse momento eram desenvolvidos valores como autonomia, iniciativa, responsabilidade, cooperação, honestidade, respeito a si e aos outros e cordialidade para os demais.

No terceiro momento, os alunos tinham 30 minutos de descanso nos colchonetes, depois eram direcionados pela professora para participar de um momento de recreação em sala de aula, como assistir a um vídeo, cantar uma música e etc.

Nas quintas-feiras às 13h30, o transporte da SEDF levava os alunos à Escola Parque acompanhados das monitoras. Chegando lá, eram recebidos pelos professores da Escola Parque onde as turmas tinham os seguintes atendimentos: Artes Plásticas, Música e Teatro. O encerramento era às 17h30.

3.1.3 Projeto Momento da Leitura

A escola tinha um projeto que ocorria uma vez por semana, todas as terças-feiras, com a duração de 50 minutos, chamado “Momento da Leitura”. Tal momento consistia no deslocamento de todos os alunos, professores,

funcionários e direção para o pátio coberto da escola, onde todos assistiam à uma contação de história. Cada semana, um professor era responsável por contar a história e desenvolver uma atividade relacionada ao assunto do livro. Após o término, os alunos voltavam para suas salas de aula acompanhados dos professores. Os professores, caso achassem necessário, poderiam continuar trabalhando em sala de aula sobre a história contada no momento da leitura.

A partir da observação desse projeto realizado na escola, surgiu meu interesse em realizar a observação das atividades de contação de história, para assim, contribuir com possíveis discussões e um breve retorno dessa prática em sala de aula, como uma prática importante no processo de aprendizagem dos alunos da 1ª série do Ensino Fundamental (Anos Iniciais).

3.2 Participantes

3.2.1 As professoras

Como a escola funcionava em tempo integral, duas professoras eram responsáveis pela turma do 1º ano observada. Uma responsável pela turma no período da manhã e a outra ficava no período da tarde. A turma também contava com o apoio de uma monitora, que ficava aproximadamente uma hora na sala de aula auxiliando os alunos que tinham mais dificuldade nas atividades. Sempre que surgia algum problema relacionado ao comportamento dos alunos, brigas ou desentendimentos elas interferiam conversando para tentar resolver a situação.

A relação professor/aluno era boa e os alunos as respeitavam, pude perceber também alguns momentos de afeto por parte dos alunos com as professoras. Durante a observação, pude perceber que a professora da manhã era mais calma, flexível com os alunos, já a professora da tarde era um pouco impaciente e, algumas vezes, gritava em sala de aula, quando havia muito barulho, para que os alunos fizessem silêncio. Presenciei também quando ela tirou o recreio de um aluno que havia se “mal comportado” em sala de aula. No

período da manhã não foi observado nenhum tipo de penalidade por parte da professora no período em que observei.

No decorrer do estágio, pude ver que as atividades propostas pela professora da manhã eram mais lúdicas. Algumas vezes as aulas eram realizadas no pátio com atividades recreativas, atividades na horta da escola, brincadeiras e jogos. As atividades realizadas pela professora da tarde eram, praticamente, todas em sala de aula, de maneira mais tradicional, com as mesas e cadeiras enfileiradas e os alunos faziam o uso constante do livro didático e copiavam as atividades do quadro para o caderno quase sempre.

Observei também que na sala haviam dois alunos com mais dificuldade na realização das tarefas, eles copiavam do quadro mais devagar e se distraíam por qualquer coisa. Toda vez que a professora passava alguma tarefa no quadro, ela em seguida explicava para a turma. Os alunos copiavam do quadro a atividade, em seguida a professora apagava tudo e não procurava saber se todos haviam copiado. Esses alunos tinham uma atenção maior quando a monitora estava presente em sala de aula, inclusive demonstravam sinais de alegria quando ela chegava na sala de aula. No momento em que a monitora não estava, algumas atividades ficavam por fazer (incompletas) no caderno.

As duas professoras regentes eram efetivas do quadro da Secretaria de Educação do Distrito Federal e possuíam o título de graduação em Pedagogia.

3.2.2 Os alunos

A turma do 1º ano era composta por 21 crianças, de seis a sete anos de idade, sendo a maioria pertencente às camadas populares e oriundas das regiões do entorno do DF. A turma era um pouco agitada, e poucos alunos apresentavam dificuldades em realizar as tarefas. As crianças eram como todas as outras. Havia muita conversa paralela, o que acabavam deixando as atividades por fazer algumas vezes.

A relação entre aluno/aluno no geral era muito boa.

3.3 Instrumentos e materiais de pesquisa

Para a realização da pesquisa, o instrumento utilizado foi a observação com os registros no diário de bordo da pesquisadora, onde foram relatadas as experiências vivenciadas durante as atividades coletivas do projeto “Momento da Leitura” e as atividades propostas pela professora do 1º ano do ensino Fundamental (Anos Iniciais).

3.4 Procedimentos de construção de dados

Escolhemos a escola devido ao nosso interesse pelo estudo com crianças de seis anos, matriculadas no 1º ano do Ensino Fundamental (Anos Iniciais).

As observações se deram no período em que a escola observada comemorava o mês da Consciência Negra.

A escola trabalhou uma vez por semana (durante quatro semanas), atividades referentes ao tema racial com as crianças através da Contação de História. Esse era um projeto da escola intitulado “Novembro, Mês da Consciência Negra.” Sendo assim, dividimos a observação em quatro sessões que descrevem essas atividades. Cada sessão com dois momentos: um momento referente à Contação de História para todos os alunos da escola e o segundo momento que são as atividades propostas pela professora da classe e que davam continuidade ao 1º momento proposto. São elas:

3.4.1 Sessão 1

- *1º Momento (Contação da História):*

Nesse dia, uma professora do 3º ano da escola contou a história do livro “Menina bonita do laço de fita”, da autora Ana Maria Machado. Ela utilizou fantoches para caracterizar as personagens e fazia as vozes das personagens nos diálogos.

A professora que leu a história fez os seguintes questionamentos, solicitando que os alunos levantassem a mão antes de responder:

- Qual era a cor da pele da menina?
- E o seu cabelo? O que sua mãe fazia?
- Seus olhos pareciam com o que?
- Como era o coelho?
- O que ele descobriu?
- Qual a conclusão que o coelho chegou sobre a cor da pele da menina?
- Porque os filhotes do coelho nasceram um de cada cor?

- *2º Momento (Atividade em sala):*

Na sala de aula, a professora regente dividiu a turma em duplas e distribuiu os seguintes materiais:

- Cartolina marrom, branca e vermelha
- Moldes do rosto da personagem (menina)
- Lã preta e fitilhos coloridos
- Pincéis coloridos
- Lápis de cor
- Cola e tesoura

A professora pediu que cada dupla fizesse um desenho em uma folha de papel referente à parte da história que mais gostaram, e escrevessem nessa mesma folha um novo final para a história. Em um segundo momento, cada aluno utilizou o material que foi distribuído para criar o rosto da personagem principal da história, para a confecção do rosto, a professora distribuiu os moldes (cabeça, boca, olhos e nariz).

Depois de tudo pronto, a professora colou as produções dos alunos em um painel e expôs na parede na parte de fora da sala de aula (corredor) com o título do livro: Menina bonita do laço de fita.

3.4.2 Sessão 2

- *1º Momento (Contação da História):*

Na segunda semana, a diretora foi quem contou a história do livro “O Zumbi dos Palmares”, da autora Cintia Amorim. O pátio coberto estava enfeitado com uma cortina branca. Fotos impressas do Zumbi dos Palmares tiradas da internet e figuras de jornais e revistas de pessoas negras também foram coladas a essa cortina.

Nesse dia foram espalhados questionamentos pela escola sobre o tema que seria trabalhado:

- Você sabe o que é preconceito?
- Você sabe como se formou o povo brasileiro?
- Você sabe quem foi Zumbi dos palmares?
- Você conhece algum brinquedo ou jogo africano?
- Você conhece alguma moda ou acessório africano?

Levou também os alunos a fazerem uma reflexão sobre a importância do povo e da cultura africana para o Brasil.

Em seguida, teve uma pequena apresentação musical dos alunos do 4º ano, onde eles utilizaram alguns instrumentos musicais de sucata confeccionados por eles em sala de aula durante a semana. A música foi Mama África de Chico César.

- *2º Momento (Atividade em sala):*

A professora fez um amigo secreto de cartinhas e depois as sorteou. Ela solicitou que os alunos escrevessem numa folha de papel três coisas positivas sobre o amigo que foi sorteado com o título: “Gosto de você por quê...”.

Na mesma folha que escreveram as coisas positivas também fizeram um desenho com as características físicas dos colegas utilizando os seguintes materiais:

- Cartolina colorida
- Pincéis coloridos
- Lápis de cor
- Cola e tesoura

Depois de concluído, a professora pediu que cada um entregasse a cartinha para o colega sorteado.

As cartinhas foram coladas em um painel e fixadas na parede da sala de aula com o título: “Branquinhos, pretinhos e amarelinhos...Nós somos amigos, nós somos irmãos!”

3.4.3 Sessão 3

- 1º Momento (Atividade de Leitura):

Na terceira semana, a atividade consistiu na leitura de livros de literatura infantil. Foram espalhados vários livros em cima das mesas no pátio coberto da escola, onde os alunos poderiam ficar à vontade para pegar, ler, contar e trocar com os colegas. Os livros seguiam o tema relacionado à cultura negra, pois era o foco principal da atividade. Também havia outros livros de literatura infantil contendo temas variados, pois não tinham livros do tema em destaque para a quantidade de alunos da escola. Havia também uma amostra dos trabalhos realizados pelas turmas do 3º e 4º ano da escola. A turma do 3º ano expôs um painel com mandalas africanas confeccionadas com sobras de papel e restos de tecido colorido. Os alunos do 4º ano produziram mini livrinhos contendo versos e poemas sobre o “Dia da Consciência Negra.”

- 2º Momento (Atividade em Sala):

Nesse dia a professora do 1º ano fez uma revisão de conteúdos como reforço para uma avaliação que seria realizada na semana. Não trabalhou com atividades referentes à contação de história, ela utilizou o livro didático de exercícios.

3.4.4 Sessão 4

- 1º Momento (Contação de História):

Na quarta semana, a professora do 2º ano contou a história do livro “O menino marrom”, do autor Ziraldo.

Antes da contação de história, a professora fez alguns questionamentos para os alunos como:

- Vocês sabem o que é melanina?

- Vocês sabem qual é o lápis que tem a cor da sua pele?

A professora solicitou que os alunos levantassem a mão para responder os questionamentos, iniciando um pequeno debate. Em seguida, a professora contou a história do livro de maneira empolgante e fazendo as vozes das personagens. Após o debate, a professora usou um aparelho de som como recurso material para finalizar a atividade com a música “Normal é ser diferente”, de Jairzinho onde todos receberam a letra da música impressa e puderam cantar.

- *2º Momento (Na Sala de Aula):*

A professora iniciou uma conversa com os alunos, questionando-os sobre como seria viver num mundo sem preconceito. Os alunos responderam rapidamente que seria muito bom poder viver em paz, e a professora argumentou que para viver num mundo pacífico, precisaríamos tomar algumas atitudes e mudar nossos pensamentos e comportamentos.

A professora fixou um painel no quadro contendo o seguinte título: “Consciência Negra, chega de...”. Os alunos responderam prontamente: violência, desigualdade, humilhação, preconceito, vergonha, intolerância, entre outros. Em seguida, a professora distribuiu para os alunos uma folha de papel na cor preta, tesoura e cola e pediu para que cada um desenhasse sua própria mão e recortasse que seria colado no painel. Na medida que os alunos iam colando as mãos de papel no painel, a professora escrevia ao lado num outro papel, esse em branco, as palavras citadas pelos alunos anteriormente. O painel foi fixado na parede do corredor onde todos pudessem visualizar o trabalho do 1º ano.

CAPÍTULO 4

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Objetivo: Analisar a prática da contação de história no Ensino Fundamental (Anos Iniciais) através da observação, descrevendo as percepções, vindo à discutir sobre as práticas do 1º momento da Contação de História e em seguida. Nesse capítulo, discutiremos os resultados que estão divididos em:

4.1 Sessão 1

- *1º Momento (Contação da História):*

No decorrer dos questionamentos da professora, vários alunos levantaram a mão para responder. No início, teve um pouco de tumulto, mas a professora explicou que cada um teria a sua vez para falar. A professora levou os alunos a perceber que as características físicas como exemplo: nossa cor da pele, a estatura, os cabelos, entre outros são herdadas dos nossos pais. Ela ainda salientou que somos únicos, diferentes e isso torna cada um de nós especial. Durante a contação da história, a maior parte dos alunos ficava atenta e curiosa com o que ia acontecer. Ficou claro que o momento era de pura descontração, pois os alunos riram em algumas situações engraçadas da história. Desse modo, Abramovich (1997, p. 17) afirma que:

Ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento...

Carvalho (2010, p.26) também aponta que: “A contação de uma história deve ser um momento de fantasia e êxtase”. A criança irá sentir naquele momento que está encontrando um caminho, um olhar novo.



Imagem 1 – O momento da contação da história

- *2º Momento (Atividade em sala):*

Nessa atividade, pude perceber que as crianças estavam empolgadas com a confecção do rosto da personagem. Com a ajuda da professora, os alunos inventaram novos rumos para a história, criaram novas situações, deram vida a novos personagens, entre outros. Escreveram as historinhas da maneira deles, a professora os deixou bem à vontade, vez ou outra dava suporte. Depois puderam ler o final da história para os colegas.



Imagem 2 – Atividade (painel confeccionado em sala de aula pelos alunos do 1º ano)

4.2 Sessão 2

- *1º Momento (Contação da História):*

Observei que os alunos prestaram atenção, tiraram dúvidas e participaram do momento da reflexão. A professora fez um mergulho no passado, contando toda a trajetória de vida e a história de luta do Zumbi dos Palmares. Todos os alunos respondiam quando solicitados. Tiveram algumas conversas paralelas, mas nada que atrapalhasse o andamento da atividade.

Baseando-se nessa observação, a criança quando ouve ou lê uma história consegue discutir sobre ela, desempenhando uma interação verbal, que vão de encontro com as noções de linguagem de Bakhtin (1992). Ele diz que, o confrontamento de ideias, de pensamentos em relação aos textos, tem sempre um caráter coletivo, social.



Imagem 3 – O momento da contação da história



Imagem 4 – Atividade (apresentação dos alunos no pátio da escola)

- *2º Momento (Atividade em sala):*

Percebi nessa atividade que alguns alunos tiveram um pouco de dificuldade em escrever coisas positivas em relação ao colega, os alunos que estavam com essa dificuldade pareciam envergonhados. A professora, então ajudou dando alguns exemplos.



Imagem 5 – Atividade (painel confeccionado em sala de aula pela turma do 1º ano)

4.3 Sessão 3

- 1º Momento (Atividade de Leitura):

Durante a atividade vi que muitos alunos ficaram bem à vontade para manusear, ler e trocar os livros com os colegas. Os alunos foram orientados pelos professores que encontrassem um lugar bem confortável para realizarem a atividade. Alguns se acomodaram debaixo da sombra de uma árvore, outros sentaram no chão da quadra de esportes, outros sentaram em frente as salas de aula. A troca dos livros foi uma boa ideia porque um queria ler a história do outro, os alunos queriam saber sobre o qual assunto do livro se tratava. Também contavam a história um para o outro. Martinelli (2000) fala que um bom ouvinte de histórias pode de tornar-se um bom leitor, e um bom leitor absorve o conhecimento, o levando para todas as áreas de sua vida.



Imagem 6 – A escolha dos livros



Imagem 7 – A escolha dos livros



Imagem 8 – Atividade (trabalhos realizados pelas turmas do 3º e 4º ano: painel e exposição de mini livros)



Imagem 9 – Atividade (trabalhos realizados pelas turmas do 3º e 4º ano: painel e exposição de mini livros)

- *2º Momento (Na sala de aula)*

Nesse dia a professora regente do 1º ano fez uma revisão de conteúdos como reforço para uma provável avaliação. Não trabalhou com atividades referentes à contação de história realizada na escola, ela utilizou o livro didático de exercícios.

4.4 Sessão 4

- *1º Momento (Contação de História):*

Na atividade, a professora procurou aguçar a curiosidade dos alunos fazendo algumas perguntas, sem falar do que se tratava o livro. Percebi que muitos ficaram curiosos e se empenharam em responder os questionamentos feitos pela professora. Assim, entendemos que há um interesse da escola da escola em propiciar atividades que despertem a curiosidade do aluno e também uma coerência na escolha do livro para das atividades. Assim, Góes (1991, p.23) afirma que:

Os livros infantis devem atender às necessidades fundamentais da infância. Assim é importante que os assuntos escolhidos correspondam ao mundo da criança e ao seu interesse; facilitem progressivamente suas descobertas e sua entrada social e cultural no mundo dos adultos...

- *2º Momento (Na sala de aula):*

Durante a etapa dos recortes e colagem no painel, a professora teve que explicar a importância do colega esperar a sua vez. Mesmo assim, dois alunos iniciaram um pequeno conflito e a professora precisou intervir, ressaltando novamente as regras em sala de aula.



Imagem 10 – Atividade (trabalho realizado pela turma do 1º ano)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse estudo, podemos concluir que a prática da contação de história é, de fato, importante no desenvolvimento da criança.

Podemos verificar que contar história para as crianças do Ensino Fundamental (Anos Iniciais) contribui efetivamente no processo de alfabetização, na construção do conhecimento, enriquecem as experiências e colabora na formação de atitudes sociais como: cooperação, interação e respeito mútuo. A escola ou o professor que implementa a contação de história no cotidiano do aluno, oportuniza o desenvolvimento do senso crítico, o aluno aprende a perguntar e a buscar respostas com um olhar questionador. E quanto mais oportunidades e contato com a literatura tiver, mais interesse terá pela leitura, enriquecendo suas experiências.

No decorrer das observações podemos perceber o envolvimento dos alunos em todos os momentos nas atividades propostas, não havendo oposição para realizá-las.

Isso nos incentiva, enquanto estudantes da área da educação e educadores, a buscarmos novas práticas que promovam um ensino de qualidade, inovador e criativo colaborando para que o aprendizado do aluno seja de uma forma lúdica e prazerosa.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5.ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail V. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2009.
- CARVALHO, Audrey. **O lúdico no desenvolvimento da criança**. 1ªed. São Paulo: Rideel, 2010.
- CAVALCANTE, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Paulos, 2004.
- COELHO, B. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1987.
- CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DISTRITO FEDERAL. **Currículo em Movimento da Educação Básica do Distrito Federal – Caderno de Ensino Fundamental – Anos Iniciais**, 2013.
- DOHME, Vânia D' Ângelo. **Técnica de contar histórias**. São Paulo. Informal Editora, 2000.
- FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. 5ªed. São Paulo: Contexto, 2009. – (Coleção como usar na sala de aula)
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GÓES, P. L. **Introdução à Literatura Infantil e Juvenil**. São Paulo: Pioneira, 1991.
- MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. ed. São Paulo: Atlas 2011.

MARTINELLI, L. C. **Um espaço para o imaginário dentro da sala de aula: a arte de contar histórias.** Série Espaço Aberto. São Paulo: Espaço Pedagógico, 2000.

VIGOTSKY, Lev S. **Imaginação e criação na infância.** Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. 11. ed. **Revista, atualizada e ampliada.** São Paulo: Global, 2003.

PARTE III

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS FUTURAS

Sempre sonhei em ser professora. Meu primeiro passo será concluir o curso de Pedagogia, que me proporcionou muita reflexão e me fez acreditar na melhoria da educação do nosso país.

Atualmente, faço um curso de Libras no CIL VAL (Centro de Línguas do Governo do Valparaíso – GO), com duração de dois anos no qual estou gostando muito.

Certamente, seguirei adiante com meus estudos aprofundando meus conhecimentos obtidos na universidade. Pretendo fazer uma especialização em Educação Especial para compreender e ajudar os alunos com possíveis dificuldades na aprendizagem. Almejo atuar em sala de aula na rede pública, meu maior desejo é contribuir para uma educação melhor e fazer a diferença na vida de uma criança.